

Davi Zocoli

Foto: Bruno Bizerra Jr.



Jader renunciou, mas o pai, Lárcio Barbalho preferiu não assumir. Por motivos de saúde

Suplência é negócio em família no Senado

Projeto contra nepotismo não consegue aprovação na Casa

BRASÍLIA – A renúncia dos dois presidentes do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e Jader Barbalho (PMDB-PA), deixaram a senadora Marina Silva (PT-AC) esperançosa. Imaginou que, com a posse dos suplentes – o filho de ACM e o pai de Jader – seu projeto seria finalmente aprovado. Não por contar com o voto deles. Mas com a adesão dos colegas. Marina queria proibir a indicação de parentes de primeiro grau como substitutos dos senadores. O debate esquentou, mas não o suficiente para garantir a aprovação do texto. Por três votos, a proposta foi rejeitada.

A discussão foi acirrada, mas inócuas. A lista de suplentes esconde mais relações que um simples parentesco pode guardar. “O projeto parte do pressuposto de que o povo não é capaz de diferenciar o nepotismo de uma indicação que não transforma o parentesco em estigma”, criticou o senador Roberto Requião (PMDB-PR). “Prevaleceu a visão patrimonial de que uma função pública é um espaço familiar”, lamentou Marina.

Na verdade, o nepotismo combatido pela senadora não beneficia tanta gente no Senado, pelo menos na atual legislatura. Apesar de sete – incluídos nessa conta Jader e ACM – dos atuais 81 senadores (8,6%) têm parentes em primeiro grau como suplentes. O problema, em escala mais ampla, é que existem outros casos que, embora não estejam no projeto, chamam a atenção pelas relações que carregam.

O tucano Teotônio Vilela (PSDB-AL), por exemplo, cedeu a vaga de suplente para Geraldo Lessa, irmão do governador de Alagoas, Ronaldo Lessa. O senador Maguito Vilela (PMDB-GO) colocou como suplente a mulher do correligionário e padrinho político, o ex-governador Íris Rezende (PMDB-GO). Rezende, por sinal, surpreendeu ao votar a favor do projeto. Ele diz ter sentido “o peso do nepotismo” nas últimas eleições. Sua mulher é suplente de Maguito, e seu irmão, Otoniel Machado, entrou na chapa.

Regina d’Assumpção entra na lista como um caso à parte. Secre-

tária não é parente, mas pode acabar na suplência do patrono senador. Assessora de Arlindo Porto (PTB-MG), Regina herdou a vaga. Apesar da coincidência, virou senadora no período em que Arlindo assumiu o Ministério da Agricultura.

Eduardo Siqueira Campos (PFL-TO) marcou dobradinha com a irmã Thelma Siqueira Campos. O senador Alberto Silva (PMDB-PI) optou por escolher o filho Marcos Tavares para sucedê-lo no caso de algum impedimento, assim como Gilberto Mestrinho (-PMDB-AM) – cujo suplente é João Thomé Medeiros Raposo.

A discussão do projeto de Marina passa longe de outro atalho para o plenário acarpetado de azul da Casa – o da campanha. Que o digam o empresário Valmir Amaral e Lindbergh Cury, ambos de Brasília. Ajudaram como puderam, até financeiramente, a campanha de Luiz Estevão e de José Roberto Arruda. Por um golpe do destino, hoje são senadores. Estevão foi cassado, Arruda renunciou. Eles ficaram com o título, o gabinete e as mordomias.